

## ALAMONT, 2

A sala de refeições dos Alamont, como todas as outras divisões do apartamento que dão para a rua, foi especialmente preparada para a grande recepção que ali se vai realizar.

É uma sala octogonal cujas quatro faces cortadas ocultam numerosos armários. O chão é de tijoleira emvernizada e as paredes forradas de cortiça. Ao fundo, a porta que dá para as cozinhas, onde se agitam três sombras brancas. À direita, a porta, de dois batentes abertos, que dá para os salões de recepção. À esquerda, ao longo da parede, quatro barris de vinho estão assentes em cavaletes de madeira em X. Ao centro, debaixo de um lustre composto por uma bacia opalina suspensa por três correntes de latão dourado, uma mesa constituída por um fuste de lava proveniente de Pompeia, sobre o qual está colocada uma placca hexagonal de vidro fumado, está coberta de pratinhos com ornamentações chinesas cheios de aperitivos diversos: filetes de peixe marinados, camarões, azeitonas, caju, espraceladas fumadas, folhas de vinha recheadas, canapés com salmão, pontas de espargos, rodelinhas de ovos cozidos, tomate, lingua afiambrada e anchovas, quiches-miniatura, pizzas anãs, patitos de queijo.

Por baixo dos barris, sem dúvida com receio de que o vinho pingue, foi estendido um jornal da tarde. Numa das páginas vê-se um problema de palavras cruzadas, o mesmo da enfermeira da senhora Moreau; aqui, a grelha, sem estar completamente preenchida, progressu.

E	S	P	I	R	I	T	U	A	L
M	I	E	L	O	G	R	A	F	O
P	A	R		T					
O	L	I	V	A	R				
L	O	G		R					
A	R	O		I					
R	R			O					
I	R								
A	I								
S	A								

Antes da guerra, muito antes de os Alamont a transformarem numa sala de refeições, foi nesta divisão que viveu Marcel Appenzell durante a sua curta estadia em Paris.

Formado na escola de Malinowski, Marcel Appenzell quis levar até ao fim o ensino do seu mestre e decidiu partilhar a vida da tribo que queria estudar, a ponto de inteiramente se confundir com ela. Em 1932, tinha ele então vinte e três anos, partiu sozinho para Samatra. Munido de uma bagagem mínima que evitava o mais possível instrumentos, armas e utensílios da civilização ocidental e se compunha sobretudo de brindes tradicionais — tabaco, arroz, chá, colares —, contratou um guia malaiu chamado Soelli e resolveu subir de piroga o rio Alritam, a ribeira negra. Nos primeiros dias cruzaram-se com alguns seringueiros e com alguns transportadores de madeira preciosa que conduziam à tona de água enormes troncos de árvores. Depois aclararam-se absolutamente sós.

O objectivo da expedição era um povo fantasma a que os Malaios chamam Anadalames, ou ainda Orang-Kubus, ou Kubus. Orang-Kubus quer dizer «Águas que se defendem» e Anadalames «Os Filhos do Interior». A quase totalidade dos habitantes de Samatra está instalada junto do litoral, mas os Kubus vivem no centro da ilha, numa das regiões mais inhóspitas do mundo, uma floresta tórrida coberta de pântanos fervilhantes de sanguessugas. Mas várias lendas, vários documentos e vestígios parecem provar que os Kubus foram outrora os senhores da ilha, antes de, vencidos por invasores vindos de Java, terem ido procurar no coração da selva o seu último refúgio.

Soelli, um ano antes, conseguira estabelecer contacto com uma tribo Kubu cuja aldeia estava construída não longe do rio. Appenzell e ele chegaram lá ao fim de três semanas de navegação e de marcha. Mas a aldeia — cinco casas em cima de pilares — estava abandonada. Appenzell conseguiu convencer Soelli a continuar a subir o rio. Não encontraram outra aldeia, e ao fim de oito dias Soelli decidiu voltar a descer para o litoral. Appenzell teimou e, por fim, deixando a piroga e quase toda a sua carga a Soelli, entrou sozinho, e quase sem equipamento, pela floresta adentro.

Soelli, de regresso ao litoral, preveniu as autoridades holandesas. Foram organizadas várias expedições de busca que não deram qualquer resultado.

Appenzell reapareceu cinco anos e onze meses mais tarde. Uma equipa de protecção mineira que circulava de canoa a motor descobriu-o nas margens do rio Musi, a mais de seiscentos quilómetros do seu ponto de partida. Pesava vinte e nove quilos e estava vestido apenas com uma espécie de calças, feltas de indios e nove pedaços de tecidos cosidos uns aos outros, seguros por suspensórios amarelos aparentemente intactos mas que tinham perdido toda a elasticidade. Foi trazido para Palembang e, depois de alguns dias de hospital, reparado, não para Viena, donde era natural, mas para Paris, onde entregou a sua mãe viera instalar-se.

A viagem de regresso durou um mês e permitiu-lhe restabelecer-se. De início inválido, quase incapaz de se mover e de se alimentar, depois de ter praticamente perdido o uso da palavra, linçada a gripes inarticuladas ou, durante os ataques de febre que o tomavam de três em três ou de cinco em cinco dias, com longas sequências delirantes, conseguiu a pouco e pouco recuperar o essencial

das suas capacidades físicas e intelectuais, reaprendeu a sentar-se numa cadeira, a servir-se de um garfo e de uma faca, a pentear-se e a barbear-se (depois de o barbeiro de bordo o ter desembaraçado de nove décimos da sua cabeleira e da totalidade da barba), a vestir um camisa, um colarinho postiço, uma gravata e até — foi isto certamente o mais difícil, porque os pés pareciam objectos de chitre fissurados em profundas gretas — sapatos. Quando desembarcou em Marselha, a mãe, que fora esperá-lo, conseguiu apesar de tudo reconhecê-lo sem grande dificuldade.

Appenzell fora, antes de partir, assistente de Etnografia em Graz (Estíria). Já não podia pensar em voltar para lá. Era judeu, e alguns meses antes fora proclamado o *Muschluss*, provocando em todas as universidades austríacas a aplicação do *numerus clausus*. Até o salário que, durante todos aqueles anos de trabalho de campo, continuara a ser-lhe pago, fora congelado. Por intermédio de Malinowski, a quem escreveu então, encontrou Marcel Mauss, que lhe confiou no Instituto de Etnologia a responsabilidade de um seminário sobre os Anadálites.

Do que se passara durante aqueles 71 meses, Marcel Appenzell nada trouxera — nem objectos, nem documentos, nem notas — e recusou-se praticamente a falar, a pretendo da necessidade de preservar até ao dia da sua primeira conferência a integridade das suas memórias, das suas impressões e das suas análises. Concedeu a si mesmo seis meses para as organizar. De início trabalhava depressa, com prazer, quase com fervor. Mas logo começou a arrastar-se, a hesitar, a rasurar. Quando a mãe lhe entrava no quarto encontrava-o quase sempre, não sentado à mesa de trabalho, mas na beira da cama, de tronco direito, mãos sobre os joelhos, contemplando sem a ver uma vespa que se agitava perto da janela ou fixando, como que para nela encontrar não se sabe que fio perdido, a toalha de linho escuro com franjas, com dupla cercadura bistré, pendurada num prego atrás da porta.

Alguns dias da sua primeira conferência, o título — *Os Anadálites de Samara. Abordagem preliminar* — fora anunciado em diversos jornais e semanários, mas Appenzell ainda não entregara ao secretariado do Instituto o resumo de quarenta linhas destinado ao *Ano Sociológico* — e o jovem etnólogo queimou tudo o que escrevera, meteu alguns objectos de uso pessoal numa mala e partiu, deixando à mãe um bilhete lacónico informando-a de que regressava a Samara e que não se sentia no direito de divulgar fosse o que fosse acerca dos Orang-Kubus.

Um magro caderno parcialmente cheio de notas, frequentemente incompletas, escapara ao fogo. Alguns estudantes do Instituto de Etnologia teimaram em destruí-las e, com o auxílio das raras cartas que Appenzell enviara a Malinowski e a alguns outros, de informações provenientes de Samara e de testemunhos recentes colhidos junto daqueles a quem, em excepcionais ocasiões, deixara escapar alguns poromentos da sua aventura, conseguiram reconstituir nas suas linhas gerais o que lhe acontecera e esboçar um retrato esquemático daqueles misteriosos «Filhos do Interior».

Ao fim de alguns dias de marcha, Appenzell tinha descoberto enfim uma aldeia Kubu, uma dezena de cabanas sobre estacas dispostas em círculo em torno

de uma pequena clareira. De início a aldeia parecia-lhe deserta, mas depois tinha avisado, deitados em esteiras debaixo dos alpendres das suas choupanas, vários velhos imóveis que o olhavam. Avançara, cumprimentara-os à maneira malaia fazendo o gesto de lhes tocar nos dedos antes de levar a mão direita ao coração, e colocara junto de cada um, em sinal de oferenda, um saquinho de chá ou de tabaco. Mas eles não responderam, não inclinaram a cabeça, nem localaram nos presentes.

Um pouco mais tarde, começaram cães a ladrar e a aldeia povoou-se de homens, de mulheres e de crianças. Os homens estavam armados de lanças, mas não o ameaçaram. Ninguém olhou para ele, ninguém pareceu dar pela sua presença.

Appenzell passou vários dias na aldeia sem conseguir entrar em contacto com os seus lacónicos habitantes. Esgotou em pura perda a sua pequena provisão de chá e de tabaco; nenhum Kubu — nem sequer as crianças — pegou nunca num só daqueles saquinhos, que as tempestades quotidianas tornavam inutilizáveis ao fim de cada dia. Quanto muito, conseguiu ver como viviam os Kubus e começou a anotar por escrito o que via.

A sua principal observação, tal como a descreve brevemente a Malinowski, confirma que os Orang-Kubus são efectivamente os descendentes de uma civilização evoluída que, expulsa dos seus territórios, teria mergulhado nas florestas interiores e aí teria regredido. Assim, apesar de já não sabermos trabalhar os metais, os Kubus tinham pontas de ferro nas suas lanças e anéis de prata nos dedos. Quanto à língua, era muito próxima das do lítoral, e Appenzell compreendeu-a sem dificuldade de maior. O que sobretudo o impressionou foi que utilizavam um vocabulário extremamente reduzido, não ultrapassando algumas dezenas de palavras, e perguntou a si mesmo se, à semelhança dos seus longínquos vizinhos Papuas, os Kubus não empobreciam voluntariamente o seu vocabulário, suprimindo palavras de cada vez que havia um morto na aldeia. Uma das consequências deste facto era que uma mesma palavra designava um número cada vez maior de objectos. Assim, *Péke*, a palavra malaia que designa a caça, queria dizer indiferentemente caça, andar, levar, a lança, a gazela, o antlope, o porco preto, o *my'zan* (espécie de especiaria extremamente forte abundantemente utilizada na preparação dos alimentos com carne), a floresta, o dia seguinte, a madrugada, etc. Do mesmo modo, *Sinyra*, palavra que Appenzell relacionou com as palavras malaias *isi*, banana, e *nywa*, coco, significava comer, refeição, sopa, cabeça, espátula, esteira, tarde, casa, pote, fogo, silex (os Kubus faziam fogo estregando duas pedrneiras uma contra a outra), fibula, pente, cabelos, *hoja'* (uma para o cabelo fabricada a partir de leite de coco misturado com diversas terras e plantas), etc. Se, entre todas as características da vida dos Kubus, estes aspectos linguísticos são os mais bem conhecidos, é porque Appenzell os descreveu em pormenor numa longa carta ao filósofo suco Hambo Tarkerson, que conhecera em Viena e que trabalhava então em Copenhaga com Hjelmslev e Brøndal. De passagem, fez notar que estas características poderiam perfeitamente aplicar-se a um mateneiro ocidental que, servindo-se de instrumentos com nomes muito precisos — graminho, guilherme, rabote, garlopa, bico-de-asno, garlopa de dois punhos, plana, etc. — as pedisse ao aprendiz, dizendo-lhe simplesmente: «passa-me aí essa coisa».

Na manhã do quarto dia, quando Appenzell acordou, a aldeia fora abandonada. As cabanas estavam vazias. Toda a população da aldeia, homens, mulheres, crianças, cães, e até os velhos que usualmente não se mexiam das suas estivas, tinha partido, levando consigo as suas magras provisões de inhame, as suas três cabras, as suas *simyas* e as suas *pekee*.

Appenzell levou mais de dois meses a reconstruí-las. Desta vez as cabanas tinham sido construídas à beira de um estreito infestado de mosquitos. Tal como da primeira vez, os Kubus não lhe falaram nem responderam às suas abordagens. Um dia, vendo dois homens que tentavam levantar um grande tronco de árvore que a trovada abatera, aproximou-se para lhes prestar auxílio; mas logo que pôs a mão na árvore os dois homens deixaram-na cair e afastaram-se. No dia seguinte de manhã a aldeia estava de novo abandonada.

Durante quase cinco anos Appenzell teimou em persegui-los. Logo que conseguia encontrar-lhes pista eles fugiam de novo, entrando em regiões cada vez mais inabitáveis para reconstruírem aldeias cada vez mais precárias. Durante muito tempo Appenzell perguntou a si mesmo qual seria a função destes comportamentos migratórios. Os Kubus não eram nómadas e, não praticando culturas em queimadas, não tinham qualquer razão para se deslocarem com tanta frequência; também não era por razões de caça ou de recollecção. Tratar-se-ia de um rito religioso, de uma prova de iniciação, de um comportamento mágico ligado ao nascimento ou à morte? Nada permitia afirmar fosse o que fosse desse género; os ritos Kubus, se existiam, eram de uma discreção impenetrável, e aparentemente nada explicava estas deslocacões que eram sempre absolutamente imprevisíveis para Appenzell.

Contudo, a verdade, a evidente e cruel verdade revelou-se finalmente. Encontra-se admiravelmente resumida no fim da carta que Appenzell enviou de Rangum à mãe, cerca de cinco meses após a sua partida:

*«Por muito irritantes que sejam os dissabores a que se expõe aquele que se devota de corpo e alma à profissão de etnólogo para obter por esse meio uma visão concreta da natureza profunda do Homem — ou seja, por outras palavras, uma visão do mínimo social que define a condição humana através do que as culturas diversas podem apresentar de herectico —, e embora ele a mais nada possa aspirar do que trazer à luz verdades relativas (a obtenção de uma verdade última é uma história espinhosa, a pior das dificuldades que tive que enfrentar não era de modo nenhum dessa ordem, eu quisera ir até ao extremo da vida selvagem, não deveria então estar satisfeito junto daqueles grécis indígenas que ninguém viu antes de mim e que, depois de mim, talvez ninguém tornasse a ver? Ao cabo de uma exaustante pesquisa, ali tinha eu os meus selvagens, e apenas queria ser um deles, partilhar*

*os seus dias, as suas penas, os seus risos! Infelizmente eles não queriam nada comigo, não estavam de modo nenhum dispostos a revelar-me os seus costumes e as suas crenças! De nada me serviam os presentes que colocava junto deles, nem o auxílio que julgava poder prestar-lhes! Era por causa de mim que abandonavam as suas aldeias, e eu apenas para me desanimarem, para me persuadirem de que era inútil a minha teimosia, que escolham terrenos cada vez mais hostis, a si mesmos impondo condições de vida cada vez mais terríveis, para me mostrarem bem que preferiam enfrentar os tigres e os valcões, os pántanos, as névoas sufocantes, as enfermidades mortais, a enfrentar os homens! Certo conhecer bastante bem o sofrimento físico. Mas o pior de tudo é isto de sentir a alma morrer...»*

Marcell Appenzell não escreveu qualquer outra carta. Foram vés as investigações que a mãe empreendeu para o encontrar. Bem depressa a guerra as interrompeu. A senhora Appenzell teimou em ficar em Paris, mesmo depois de o seu nome ter figurado numa lista de judeus que não usavam a estrela, publicada no semanário *Au Pivori*. Uma tarde, não compassiva introduziu-lhe debaixo da porta um bilhete prevenindo-a de que viriam prendê-la no dia seguinte de madrugada. Conseguiu nessa mesma noite chegar a Le Mans e daí passou para a zona livre e entrou na Resistência. Foi morta em Julho de mil novecentos e quarenta e quatro, perto de Vassieux-en-Vercois.

Os Altamont — a senhora Altamont é um longínqua prima da senhora Appenzell — recuperaram o seu apartamento no princípio dos anos cinquenta. Eram então um jovem casal. Ela tem hoje quarenta e cinco anos e ele cinquenta e cinco. Têm uma filha de dezassete anos, Veronique, que faz aguarala e piano. O senhor Altamont é um perito internacional, praticamente sempre ausente de Paris, e parece até que esta grande recepção se realiza por ocasião do seu regresso anual.